

Brilho eterno de uma mente sem lembranças: uma reflexão sobre o laço amoroso

*Fernanda Ribeiro Palermo**

Pensar em Joel e Clementine, personagens centrais do filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*, é deslizar no tempo e mergulhar nos afetos. Como analista de família e de casais, acredito que o filme estrelado por Kate Winslet e Jim Carrey é um primor no que se refere a elucidar os conflitos e as vivências que o laço amoroso apresenta. São diversos paradoxos. Paradoxos culturais, subjetivos, filosófico, dos laços. Tal como em Winnicott, proponho uma reflexão sobre esse casal sem a intenção de defini-los, mas de criar possibilidades que viabilizem um transitar, para, assim, habitarmos em uma área potencialmente criativa de confabulações!

De uma ponta à outra do planeta, o desejo de invenção de si está presente e isso explica o aumento do número de pessoas que vivem sozinhas e que anseiam apreender para si o mundo inteiro, ou quase todo. Há alguns anos, a tecnologia vem modificando os modos de vida e dos encontros, aproximando pessoas, mas tornando o compromisso, paradoxalmente, problemático. Assistimos à mundialização das várias formas de ser casal e, mais e mais, a norma, que era vigente até a modernidade, é hoje secretamente vivida em contraposição ao princípio oficialmente proclamado das liberdades.

A contemporaneidade traz consigo uma exacerbação dos ideários da modernidade, como também os põe em xeque. Estamos diante de mudanças e permanências, referidas a uma nova ordem simbólica: individualize-se! A ligação feita tão rapidamente entre as pessoas, através de um toque diante da tela,

* Doutoranda em Psicologia Clínica e especialista em família e casais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), membro associado em formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

tornaria antiquados e piegas aqueles casais que ainda são regidos por uma dita estreiteza doméstica? Os solteiros seriam hoje porta-bandeiras de uma liberdade inventiva? Outro paradoxo encontramos aqui. Sim e não!

Reporto-me à velocidade de acontecimentos no filme e ao fato de só conhecermos a história do casal depois do fim. A velocidade, a urgência, o caráter de imediato estão postos no mundo atual. Clementine diz não querer perder tempo na vida, ainda que seja parte de um tempo de sua própria história que ela perde ao apagar Joel. Tempo e perda são categorias que também aparecem na fala da personagem quando indaga ao namorado “Sentiu saudades? Estamos casados!”.

A afirmação de Clementine quanto a estarem casados, alude ao que o sociólogo francês, Jean-Claude Kaufmann, (2006) nos afirma: a revolução nas formas de ser casal só está na superfície. Há uma libertação da palavra, até então retida, mas a sociedade mantém uma dupla linguagem: “Cada um faz o que quer”, em uma linguagem pública social, mas..., no foro íntimo, a vida a dois de forma alguma acontece com tamanha soltura. O autor diz que a vida doméstica bem ordenada coloca secretamente as suas normas e os solteiros, que se acreditam liberados do que seja normativo, continuam flertando com tais ideários.

Importante enfatizarmos que o casal se insere em uma trama identificatória na qual cada um do laço formado introjeta os vínculos significativos de sua história e do grupo familiar mais amplo. Isso pode ocorrer com maior apropriação, abrindo espaço para uma recriação dos laços futuros, ou de maneira estéril, dificultando-os. A transmissão psíquica, compreendida como o material inconsciente que circula entre os ascendentes em direção aos descendentes, manifesta-se na forma pela qual os descendentes receberão esse material e o colocarão em trabalho psíquico, podendo, em sua face transgeracional, repercutir de forma negativa na constituição do sujeito e de seus laços significativos.

No filme, poucos dados acerca das histórias de origem dos personagens aparecem, mas algumas pistas nos fazem inferir que esse encontro tenha sido determinado pelas inquietudes, pelas angústias e pela necessidade de encontrar fora algo que internamente se apresentava carente de significação. Joel diz se apaixonar por quem lhe dá atenção e sentir-se tal como um diário vazio; marcas de uma subjetividade um tanto quanto contemporânea. Já Clementine, em uma face oposta da mesma moeda, diz ser uma pirada procurando um pouco de tranquilidade. Desesperada, durante o processo de apagamento, diz para Joel: “Lembre-se de mim. Esforce-se!”.

Interessante pensarmos que o diário vazio faz referência ao apagamento de Clementine em Joel, e que uma pirada à procura de tranquilidade faça refe-

rência à constante mutação em que vive Clementine. Creio que essas falas funcionem como analogia à vida interior de cada um. Diário vazio pelo apagamento, mas também, por se tratar de uma subjetividade que carece de uma habitação em si. Também podemos inferir que falte à Clementine um encontro mais profundo e íntimo consigo mesma, já que uma vida em constante mutação pode deixar de lado as transformações significativas conquistadas pelo processo de amadurecimento.

De todo modo, Joel e Clementine estão colocados diante da tarefa matemática posta em todo encontro amoroso, e aí incluímos outro paradoxo: Como ser um sendo dois? Como ser dois sendo um? Um mais um é igual a dois ou a três? As demandas paradoxais estão a todo momento presentes nos encontros amorosos, e não seria diferente nos contemporâneos. É uma tarefa difícil e inacabada traçar uma delimitação entre os ideais individualistas de autonomia, de satisfação, e a necessidade de vivenciar-se em par, com projetos, desejos em comum, e reconhecimento de nossa dependência relativa do outro.

Eiguer (1985, 2013), teórico dedicado à teorização psicanalítica de família e casal, ressalta que a escolha amorosa é sempre uma escolha condicional. Isso porque os parceiros reeditam seus romances familiares infantis e suas tramas edípicas. Afirma que a escolha conjugal seria análoga a um tipo de formação de compromisso, visto esta se basear em algo diferente do pai e da mãe, mas manter inconscientemente os traços de relação com tais figuras. O autor afirma que, desde o princípio, a escolha é paradoxal. Apoiando-se na teorização freudiana (1914/1996) sobre a psicodinâmica da escolha amorosa, que poderia ser narcísica ou anaclítica, ou seja, com mais ênfase na idealização ou na ideia de um complemento do eu, Eiguer propõe três tipos de escolhas: anaclítica ou assimétrica, narcísica ou simétrica e edípica ou dissimétrica. Para nossa discussão, podemos aproximar o casal Joel e Clementine à escolha amorosa anaclítica ou assimétrica. Eiguer ressalta que esse tipo de escolha amorosa que, quando está na origem da formação do laço, ativa sentimento de perda e de desamparo relacionados ao predomínio de dificuldades em elaborar lutos e conquistar uma maior capacidade de reparação em ambos os parceiros, características próprias da posição depressiva proposta por Klein (1946/2006), envolvendo vivências de angústia de perda e medo de solidão. O ideal prepondera sobre o possível.

Mas o imperativo da singularização, da não-dependência, paradoxalmente, aponta-nos uma idealização do amor, um cheiro no ar de amor romântico. Uma confusão muitas vezes se estabelece entre necessidades e desejos, e entre o que seria da ordem da perda ou da renúncia. Penso que hoje vivemos, tam-

bém, sob a égide de outro paradoxo: o eterno e o efêmero. Tudo o que mais se deseja pode instantaneamente pesar, como a ideia de um “para sempre” insuportável. Como poder amar? Amar é encontrar-se com sua própria dor. Amar é envolver-se intimamente consigo mesmo. Como fazemos diante de um modelo em que a dor é recusada? Como fazemos diante de “relacionamentos de bolso”? como nomeia Bauman (2004).

Trazendo Bauman para uma reflexão, o pensador diz que, através das alterações de estrutura de parentesco, a definição de amor romântico, que se traduzia pela ideia do “até que a morte nos separe”, mudou muito. Estaríamos mais para o “eterno enquanto dure”, não? A cultura consumista, que favorece o produto imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, faz crer na existência de um asseguroamento total. O risco é que a promessa de aprender a arte de amar é uma oferta enganosa, pois equipara a experiência amorosa ao consumo de outras mercadorias. Estas fascinam e seduzem por prometerem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem compromissos. Mas o autor segue afirmando, de forma a trazer mais esperança:

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo em um amálgama irresistível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser, aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor (BAUMAN, 2004, p. 21).

Nesse ponto, recordo-me do sociólogo francês David Le Breton. Le Breton, em seu livro *As paixões ordinárias*, diz-nos que pousar o olhar sobre o outro não é um acontecimento anódino. O olhar favorece e se apropria de algo para o melhor ou para o pior. O olhar de um sobre o outro é sempre uma experiência afetiva, como também produz consequências físicas: o coração bate forte, a pressão arterial eleva-se... Isso porque a condição corporal do homem o faz imergir em um banho sensorial ininterrupto.

Para o referido autor, o sentimento de identidade não se constitui por fatos meramente objetivos e sim, pelo efeito da construção simbólica realizada permanentemente através do olhar alheio. Entendemos, assim, a potência que existe em ver-se no olhar do outro, como também, o desespero de perder-se de si por uma invisibilidade e/ou cegueira do encontro. Questões para refletirmos sobre os encontros na atualidade: como é possível, então, existir fora da unidade dual? Como viver o paradoxo um/dois sem que apenas o vínculo exclusivo

com o outro confira a sensação de existência do sujeito? Como seria reconhecer o outro, um não-eu, sem se sentir inexistente?

Voltando para Eiguer (2013), o autor cunha o conceito de reconhecimento mútuo. O reconhecimento mútuo ocupa um lugar significativo na vida de um casal, pois é devido a ele que se torna possível construir um vínculo, ligar-se um ao outro e amar. O autor afirma que “reconhecer é essencialmente identificar os estados de espírito do outro” (EIGUER, 2013, p. 45). Entendendo que o verbo “reconhecer” é imprescindível na vivência amorosa, fui em busca de sua etimologia. Reconhecer vem do latim *recognoscere*, tomar conhecimento, trazer à mente novamente, certificar-se de algo. *Re-cognoscere* traz o sufixo *re*, que se refere à outra vez, e *cognoscere*, de saber, saber juntos, pois o *Co*, indica junto e o *gnoscere*, saber. Dicionarizado, o verbo reconhecer tem vastos sentidos, desde conceber a imagem de algo, admitir algo ou alguém como verdadeiro e real, como também mostrar gratidão por reconhecer um benefício.

Sendo assim, reconhecer sugere o que cada um é, como também o que cada um carrega em si de fantasias, de desejos e de ilusões. Alcançar um reconhecimento mútuo significa reconhecer o outro, ser por ele reconhecido e reconhecer-se a si próprio. Os parceiros que não se sentem suficientemente reconhecidos acabam por viver severos conflitos, o que pode tornar o vínculo insustentável. Para melhor compreendermos tal proposta do autor, é preciso ressaltar que ele baseia sua formulação no pressuposto de um funcionamento psíquico do vínculo intersubjetivo do casal, que implica princípios que podem ser designados pelos “quatro R”, respeito, reconhecimento mútuo, responsabilidade e reciprocidade.

Segundo Eiguer (2013), em um nível mais profundo e arcaico, os parceiros vivem alguma fração de indiferenciação entre suas singularidades. É através desse movimento narcísico que os processos primários atuam com mais vigor. Em um segundo nível, entendido como onírico, cada parceiro pode se ligar ao outro de forma a realizar seus desejos inconscientes. Estamos na esfera onde atua o ideal do ego, com suas ambições e seus projetos. O sujeito de desejo se confronta inevitavelmente com o outro que, por sua vez, também é sujeito de desejo. Nesse nível, pode-se viver uma ressonância, pois a pauta é a possibilidade de viver o desejo de sonhar juntos. Em um nível mítico, que seria o terceiro, produções fantasmáticas coletivas são ativadas e esse funcionamento a dois tem a palavra ligação como seu destaque. Por fim, está o nível mais superficial de regulação do vínculo. As leis próprias de cada parceiro, com seus funcionamentos internos, desenharão as especificidades do casal. Assim, pensar no reconhecimento mútuo em todos os seus níveis coloca-nos diante da

articulação entre o semelhante e o diferente. O outro possui uma subjetividade e um inconsciente que, ainda que não compreendidos, precisam ser aceitos, admitidos e legitimados.

Diante dos imperativos contemporâneos, ao enfrentarem dificuldades relacionais, muitos casais acabam vivenciando padrões repetitivos em que se enredam de modo adoecido. Os casais em conflito revelam dificuldades de reconhecimento mútuo. Desconhecer é diferente de ignorar. Isso porque, em muitas situações, os parceiros podem não só não se reconhecer, mas, através de mecanismos de defesas massivos, recusar-se a admitir a alteridade. Isso leva a uma vivência de desaparecimento, de invisibilidade, de esvaziamento da humanidade, culminando em uma objetificação do parceiro.

O que vemos, muito frequentemente, é que o retraimento para a vida privada ocorre de forma muito rápida, talvez em um momento no qual a vivência das etapas descritas por Eiguer não tenham tido tempo e espaço para serem experienciadas. Sendo assim, poderíamos inferir que é cada vez mais observável a vida a dois do casal se iniciar em um tempo anterior àquele do encontro com parceiros objetivamente percebidos, preponderando o ideal desejado de parceiro em um anseio de ter o outro por inteiro, cuja fantasia de completude é acionada.

Estariamos tratando, então, de encontros entre objetos subjetivamente percebidos, ou seja, marcados pelo referencial ilusório, em que o outro é uma projeção encarnada? As nuances do paradoxo “estar junto e separado” em cada um dos parceiros e a necessidade de reinvenções inerentes à formação do laço entrarão continuamente em jogo. Winnicott (1989) afirma que o casamento pode ser uma forma adulta de experienciar o viver criativo, já que os membros do casal podem trocar experiências e se divertir juntos. Argumenta que é possível desenvolver um espaço de brincar no casal, de preservação dos verdadeiros *selves* dos parceiros, mas lembra que qualquer interação humana comporta certa concessão de parte de si.

Sabemos que, no espaço transicional, os objetos são ao mesmo tempo criados e encontrados. Na construção do espaço potencial conjugal ocorre a descoberta de um parceiro que existe na realidade e de um parceiro subjetivamente construído. A experiência subjetiva se apresenta nesse paradoxo. O parceiro é entendido e vivido como um diferente e como parte de um mundo concebido. A possibilidade de cada um se surpreender com sua própria criação, quando a diferença que desponta do outro começa a se apresentar, pode ser vivida de forma excitante. Neste jogo entre criado e encontrado, é possível vivenciar o sentimento de si mesmo através do outro, como também é estabe-

lecida uma correspondência entre a própria criação e a percepção do outro da exterioridade, favorecendo a oscilação entre dependência-independência, diferenciação-indiferenciação, porque o objeto amoroso não é realidade nem fantasia, mas sim, constituído na transicionalidade.

O encontro, então, pode ser vivido como uma oportunidade para a transformação subjetiva de cada um do laço, sendo um terreno fértil, pleno de possibilidades de novas configurações subjetivas, de transmutação (MAGALHÃES, 2003). Isso ocorre visto o processo identificatório não se reatualizar de forma mimética, podendo ser um processo criativo, como ressalta Winnicott (1989). Levy e Gomes (2011) afirmam que o amor é responsável pela ilusão de encontrar um objeto que, na realidade, possa ser capaz de ativar a vivência de reedição do encontro mítico com o objeto primordial. Então, o amor precisa que o objeto mítico esteja encarnado no par amoroso, para que seja gerada uma ilusão de reencontro. Mas com o tempo, as fantasias idealizadas precisam ser renunciadas em sua totalidade para que haja uma compreensão de que os aspectos bons e ruins de si e do parceiro são inseparáveis. Em situações nas quais o objeto precisa se manter fortemente idealizado, a desilusão pode trazer um sentimento de vulnerabilidade. A angústia surge quando há uma grande distância entre aquele parceiro do apaixonamento e aquele que, com o tempo, se apresenta mais realisticamente.

Estamos no campo da vivência de ferida narcísica. A preponderância da qualidade narcísica nas relações faz com que o mecanismo de idealização prepondera e a decepção passe a figurar no cenário. O risco é de a criatividade dar lugar a um falso si mesmo, gerando um entendimento deturpado do outro, artificializando a relação e esvaziando as experiências singulares e compartilhadas. O acionamento de uma postura defensiva, muitas vezes, visa controlar o outro para tentar modificá-lo. A ideia seria: se eu não o controlo, ele pode deixar de existir para mim e/ou em mim.

Nesse contexto, a capacidade de “ficar só” se torna insustentável para os parceiros. O que está em jogo é a natureza ilusória relacional que vai de encontro à alteridade, ativando defesas contra as angústias catastróficas de separação e de união e expressando o desejo, tanto para o sujeito quanto para o casal, de estar ao mesmo tempo separado e unido. Vale ressaltar que a capacidade de estar só na presença do outro (WINNICOTT, 1958/1998) corresponde a uma conquista no sentido da maturidade e da autonomia. Isso porque a aquisição da capacidade de estar só de um sujeito depende de um outro sujeito que pôde estar presente enquanto o outro estava consigo mesmo. Trata-se, então, de uma relação entre duas pessoas em que a presença viva de uma proporciona à

outra relaxar com a garantia de que a conexão se manterá. A partir desse entendimento, algumas questões despontam: Como ficar só consigo mesmo quando o medo de o outro não estar presente é ativado? Como estar consigo mesmo diante do terror de não existir dentro do outro? Como lidar com a lacuna, o intervalo, o espaço, se ele é a proximidade com o abismo?

Lacuna S.A., este é o nome da empresa contratada para eliminar um dentro do outro. O objetivo é apagar qualquer rastro do outro dentro de si. Eu sou o outro do outro e não o outro em si. Que decepção! Clementine com todo seu empenho em pintar o cabelo frequentemente de modo a evitar a vivência de invisibilidade, o risco de inexistir no outro, de ser esquecida, precisa apagar/anular/matar Joel. Joel, quando se depara com a situação de inexistir diante dela, na cena em que a encontra na livraria, sente seu mundo ruir. O desespero de Joel aciona uma vivência de enlouquecimento. O personagem fica incrédulo, sem conseguir compreender como ela não o conhece e o trata como um estranho.

A arte do filme é sutil, pois, sem percebermos, as luzes vão se apagando e a cena muda para Joel na casa dos amigos. Ao descobrir que fora apagado por Clementine, reagindo à dor da invisibilidade, decide fazer o mesmo e, só assim, durante esse processo, eles se reencontram. Precisavam apagar o outro ideal para se encontrarem verdadeiramente? Uma hipótese! No filme, tudo se dá em algumas horas, pois a máquina precisa mapear áreas do cérebro em que haja a presença do outro. É um trabalho que toca nas marcas sensoriais, que dão contorno ao sentido de temporalidade. O sentido de tempo e a apropriação de um espaço próprio são conquistas de um processo de amadurecimento psíquico. A lacuna no filme é sentida como um vazio enorme, um abismo em que se pode cair e desaparecer para sempre, contrastando como a ideia de lacuna como espaço para criar, para ser e para repousar.

Parece-me não ser um acaso Joel voltar à infância e Clementine sugerir: “Vá a um lugar onde eu não pertença na sua mente!”. Naquele momento, o filme mostra as funções misturadas entre Clementine e a mãe de Joel. A marca edípica e a trama fantasmática se apresentam, lembrando serem essas as premissas para a construção de um par amoroso. É preciso, então, separar para ficar junto. É preciso distinguir quem é quem na trama subjetiva e intersubjetiva para que o laço seja construído sobre bases mais confiáveis e criativas.

Nesse ponto, o filme retrata um mergulho nos primórdios da história de vida de Joel e nos leva, assim, a outras indagações importantes: há mais de mim em mim? É possível pensar que o relacionamento amoroso toca em partes nossas inabitadas ou pouco íntimas para nós mesmos. A facilidade em “curtir” ou “deletar” alguém hoje em um “cardápio” de corpos sem histórias

seria a resposta de uma vivência contemporânea de medo do contato? O contato consigo mesmo? A idealização prepondera. A frustração é fortemente evitada, mas, para nosso alento, pessoas também se conhecem e até se casam através dos aplicativos de encontros! Saem da virtualidade de si mesmas e conseguem ser “reais” diante de um outro.

Há pouco tempo, li um conto escrito por um jovem médico mineiro¹ que se chama *A história do cuspidor*. De uma forma muito descontraída, o autor conta que pouco conhecemos o irmão bastardo do cupido, o cuspidor, que tem como tarefa desapaixionar as pessoas quando cospe nelas. Parece nojento, mas as pessoas apaixonadas fazem coisas nojentas mesmo! Os irmãos Cupido e Cuspidor ficam competindo, pois o Cupido defende a ideia de que estar apaixonado é melhor, visto dar sentido à vida e o cuspidor acredita que estar desapaixionado é mais saudável e menos angustiante.

Em dado momento, algo inesperado acontece: o cupido, ao flechar, fura o próprio dedo e fica perdidamente apaixonado por uma mulher aleatória que passava na sua frente. O caos acontece! O Cupido para de trabalhar e passa seus dias unicamente em função de sua amada. A prioridade absoluta era *stalker* o seu novo amor. Foi com a ausência do cupido que o cuspidor reina absoluto e é inaugurada a era dos relacionamentos superficiais. O mundo fica fora do eixo: aplicativos de relacionamento como cardápios virtuais, atividade criativa decresce junto com a inspiração, o sexo deixa de ser casual para causal.

O cuspidor repensa a sua função, até então compreendida como mais significativa que a do irmão e, desolado, voluntariamente se aposenta. Mas como última cuspidora, escolhe o irmão! O cupido volta à vida com todo o gás! Mas quem diria, o mundo continuava louco! Via-se agora uma urgência do estado de apaixonamento: triângulos, quartetos, hexágonos amorosos, marmanjo se apaixona pela professora, casais que não conseguiam elaborar o luto da morte dos parceiros, uma impossibilidade de fazer escolhas e abrir mão do outro. O cupido teve que dar o braço a torcer, colocar o seu ego no saco e pedir o retorno à cena ao irmão. Pronto, agora um trabalho colaborativo! Um mundo com ganhos e perdas, sim e não, ilusão e desilusão, eu e o outro!

Parece, então, que o amor pode chegar! É assim que Joel e Clementine resolvem refazer o final. Decidem dar lugar para o bom do encontro. A ideia é parar de fugirem, repousarem, permanecerem (sós na presença do outro?), elaborarem as próprias catástrofes, o medo do colapso (WINNICOTT, 1967/1990) ativado pelo laço. É preciso parar o procedimento de apagamento.

¹ *A história do cuspidor*, conto inédito de Fábio Labanca.

Joel, então, desenvolve uma resistência ao procedimento, ficando fora do mapa de apagamento. Em uma resistência contra o apagamento, a alteridade pode ser salva. Não sabemos se o relacionamento permanecerá, mas vislumbramos a possibilidade de o fim não ser o apagamento, e sim de ele ser continuidade de si e vir-a-ser de um outro de mim.

Finalizo com uma bela canção chamada *Solto e à Mão*, para retratar de forma poética a reflexão aqui proposta. Diz assim:

Só

Olha o que te vê

Destrói o que te faz

Distante e ideal

De anseios pontuais

Refuta o que te atrai

Enquanto passageiro

Enquanto capataz

Deixa solto e à mão o que te alimenta

Deixa solto e à mão

Trai

Confunde tua crença

Debuta a todo amor

Singelo e contumaz

Em cada espaço, paz

Desfruta o que te tenta

Deflagra o irreal

Deixa solto e à mão o que te atormenta

Deixa solto e à mão

Deixa solto e à mão

(Tatiana Labanca)

Junho de 2018

Fernanda Ribeiro Palermo
fernandapalermo.fp@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

EIGUER, A. *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. In: Gomes & Levy (Org.). *Atendimento psicanalítico de casal*. São Paulo: Zagodoni, 2013. p. 44-60.

FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 246-253. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

KAUFMANN, J. C. *A invenção de si: uma teoria da identidade*. São Paulo: Instituto Piaget, 2006.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.17-43.

LE BRETON, D. *As paixões ordinárias*. Antropologia das emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LEVY, L.; GOMES, I. Relações amorosas: rupturas e elaborações. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 45-57, 2011.

MAGALHÃES, A. Transmutando a individualidade na conjugalidade. In: FÊRES-CARNEIRO (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 205-218.

WINNICOTT, D. (1989a). Vivendo de modo criativo. In: _____. *Tudo começa em casa: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2005. p. 23-41.

_____. (1989b). A criança e o grupo familiar. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 123-137.

_____. (1958). A capacidade para estar só. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 31-37.

_____. (1967). Colapso das defesas. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 82-87.